



INTERVENÇÃO DA REITORA NA CONFERÊNCIA INAUGURAL DO CICLO  
GRANDES CONFERÊNCIAS | FUTUROS GLOBAIS  
“ 50 ANOS DE CIÊNCIA PARA UM FUTURO GLOBAL”- D. MANUEL CLEMENTE  
17 DE OUTUBRO DE 2017

Em celebração do seu quinquagésimo aniversário, a Universidade Católica inicia hoje o ciclo de Grandes Conferências Futuros Globais. Celebrar 50 anos de história não significa fazer ‘o inventário dos achados’ do passado (W. Benjamin, ‘Escavar e Recordar’), mas sim, construir um sentido novo, olhar o presente como momento privilegiado de gizar o futuro. Fiel à sua matriz fundacional de instituição ao serviço do desenvolvimento humano, perseguindo a visão de ‘Cultivar a ciência e contribuir para o bem comum’, a Universidade Católica organiza um ciclo de Grandes Conferências, a decorrer durante um ano, com o objetivo de ajudar a universidade e a sociedade a refletir sobre os grandes desafios dos próximos 50 anos.

O tema das grandes conferencias articula dois conceitos que são sempre projeto: um temporal – ‘o futuro’, e o outro espacial, ‘o global’. Se o futuro nos escapa, porque se situa sempre além da linha da nossa presença histórica, o global é também um conceito difuso, que formata também a nossa experiência – porque hoje não vivemos nem limitados à bolha das nossas fronteiras, nem a práticas culturais que nos definem pela sua diferença específica. O global, fora da experiência histórica, figura quiçá como um fetiche, como o globo diáfano com que Charlie Chaplin brinca na célebre cena de *O Grande Ditador*. De um ponto de vista conceptual, o global articula aquilo que Heidegger designava como *das Riesige*, ‘o gigantesco’, definido como o processo que permitia a abolição de distâncias e a representação do que era familiar em mundos distantes e estranhos. Para o filósofo, a ideia do ‘gigantesco’ laborava na intersecção da espacialidade com a temporalidade, mas estruturava-se a partir da representação e da imaginação do

mundo. Ou seja, pensar e agir na ótica global – independentemente do sector em que se labora, da política à economia - constitui por definição uma prática da imaginação, de pensar/projetar/imaginar a diferença e o diálogo com o Outro.

Durante muitos séculos, pensar e olhar o futuro foi uma prática idealista e essencialmente otimista. Projetava-se ‘o melhor dos mundos’, olhava-se o progresso tecnológico como agente de uma ciência que intentava melhorar a condição humana. Ao longo do século XX, a percepção eufórica do progresso foi sendo limitada pela consciência da abissal capacidade para a produção do infortúnio. Para tal contribui o desencanto com uma globalização da indiferença, com a crise dos modelos do Estado democrático, o aprofundar das guerras culturais e o emergir da violência extrema. Do mesmo modo, encontramos-nos perante a realidade de uma crise de recursos e de uma crescente e evidente exaustão do planeta, ao mesmo tempo que a quarta revolução tecnológica coloca sérias questões ao futuro do trabalho e bem assim da *vita activa* como definidora da matriz do humano. Dados os diferenciados ritmos, direções e contextos em que o horizonte de futuro se move, dada a clara diferença no acesso e na capacidade dos indivíduos modelarem estas transformações, podemos então falar com maior coerência em ‘futuros’ culturalmente situados em distintas realidades globais.

Como pensar então estes futuros globais? Como articular a realidade transformada no contexto da aceleração que os movimentos globais e os novos impactos tecnológicos produzem? Quais são os temas, as questões, os problemas que produzirão os tempos a vir na sua diferente localização global? Onde estão os atores, os agentes do futuro? E como podem Portugal, e a Universidade Católica, posicionar-se neste debate?

As conferencias Futuros Globais convidam vultos de referencia para uma conversa acerca da sua visão de futuro na interseção com os desafios globais. O modelo assenta numa intervenção de fundo do convidado, seguida de um momento de conversa com um especialista de área distinta, que para a conversa de hoje será o Neurocientista o Prof. Alexandre Castro Caldas, e finalmente debate com o público.

A abrir este ciclo temos hoje a honra de receber o sr. D. Manuel Clemente, Cardeal Patriarca de Lisboa e Magno Chanceler da Universidade Católica. A conferencia que iremos ouvir: ‘50 anos de ciência para um futuro global’, situa-se

na primeira linha daquilo que são as preocupações e atividade de uma universidade, as opções de ciência e o modo como podemos produzir conhecimento num mundo complexo, onde cada vez mais se questiona a possibilidade de praticar ciência com o objetivo nobre de contribuir, como afirmou Francis Bacon, para 'the relief of man's estate'.

Nascido em Torres Vedras, em 1948, D. Manuel Clemente é Licenciado em História e Teologia. Em 1992, doutorou-se em Teologia Histórica na UCP, com a tese 'Nas origens do apostolado contemporâneo em Portugal. A «Sociedade Católica» (1843-1853)'. Foi ordenado padre em 1979 e bispo em 1999. Nomeado Bispo do Porto em 2007, veio depois a tomar posse como 17º Patriarca de Lisboa a 6 de julho de 2013, sendo designado Cardeal pelo Papa Francisco em 4 de janeiro de 2015.

Figura insigne da academia e da intelectualidade portuguesa, na Universidade Católica, foi Diretor do Centro de História Religiosa entre 2001 e 2007 e entre numerosas distinções e prémios, permito-me salientar apenas 1, o Prémio Pessoa em 2009, que destaca o seu papel de intelectual distinto, e a sua importante intervenção cívica. Na nota do júri lê-se que: "Em tempos difíceis como os que vivemos atualmente, D. Manuel Clemente é uma referência ética para a sociedade portuguesa no seu todo", "A sua intervenção cívica tem-se destacado por uma postura humanística de defesa do diálogo e da tolerância, do combate à exclusão e da intervenção social da Igreja". A obra de D. Manuel Clemente espelha de forma clara a articulação entre fé e ciência, o rigor da historiografia com o humanismo holístico da fé cristã, postulando uma perspetiva rigorosa de análise do passado como orientação para o futuro, presente por exemplo em duas obras que cito a título meramente representativo *Portugal e os Portugueses* (2008, Assírio e Alvim) e *Igreja e Sociedade Portuguesa do Liberalismo à República* (2012, Assírio). D. Manuel Clemente tem frequentemente salientado a importância de um pensamento transversal, articulando a visão de uma 'ecologia integral', proposta pelo Papa Francisco na sua encíclica *Laudato Si*. Num texto das suas Conversas na Rádio coligidas em *O Evangelho e a Vida*, D. Manuel interpela-nos a pensar afinal o grande desafio da ciência, que é o do cuidado da casa comum. Diz D. Manuel: 'O Senhor deu-nos pleno poderes para cuidar desta casa que é o mundo, mas é

preciso fazer uso dos poderes que nos são confiados para encher o mundo desta expectativa do senhor que vem.' Agradecendo a generosidade com que aceitou o convite para inaugurar estas Grandes Conferências e para escutarmos os seu pensamento sobre o papel da ciência na construção de um futuro para a nossa casa comum, convido o sr. D. Manuel a subir ao palco.

Isabel Capelo Gil  
Reitora